

---

# DEUSES CAÍDOS

---

GABRIEL TENNYSON



Copyright © 2018 by Gabriel Tennyson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Tamires Cordeiro

*Ilustração de capa*

Rafael Sarmento

*Preparação*

Ana Kronemberger

*Revisão*

Érica Borges Correa

Renato Potenza Rodrigues

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Tennyson, Gabriel

Deuses caídos / Gabriel Tennyson. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Suma, 2018.

ISBN 978-85-5651-064-8

1. Ficção brasileira. 1. Título.

---

18-14123

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editorasuma](https://facebook.com/editorasuma)

[instagram.com/editorasuma](https://instagram.com/editorasuma)

[twitter.com/Suma\\_BR](https://twitter.com/Suma_BR)

*Em memória de Christiano Santos,  
que se uniu à Força cedo demais*

---

# PRÓLOGO

## *DEZESSEIS ANOS ATRÁS*

Antes de ser violentado por três homens em uma cela em Bangu 1, César foi um dedicado professor. Mas isso foi em outra vida, quando não carregava a acusação pelo estupro de uma criança.

Seu inferno não veio com fogo ou enxofre, mas no gosto azedo dos detentos, nas surras diárias que lhe custaram os dentes, nas tentativas de voltar à carreira, apesar da ficha criminal. Após cumprir pena, César conquistou o sonho de liberdade para dormir no cimento áspero das calçadas da Vila Mimosa.

O funk tocando nos cortiços da rua Ceará animava ninfetas e velhas prostitutas que disputavam os solitários no frio da madrugada. O lugar fedia a urina e decadência; os paralelepípedos untados pela garoa refletiam as luzes vermelhas dos prostíbulos.

Com o cérebro enevado pela fumaça de crack, César não conseguia decidir o que era pior: o frio cristalizado nos ossos ou a queimação no estômago. A última vez que viu comida, ela apodrecia em uma oferenda de encruzilhada.

Não suportaria outro jantar à luz de velas.

Parou ao lado de uma lixeira. O cesto laranja da Comlurb oferecia poucas esperanças de conseguir uma refeição.

Constrangido por ter que se alimentar de restos, César conferiu se o vaivém de clientes pela rua havia cessado. Um grupo de motoqueiros bêbados negociava sexo para aliviar o tédio antes de voltarem às esposas.

Respirou fundo, tentando encher o peito de dignidade, mas só encontrou o vazio da fome. Começou a revirar latinhas de alumínio, panfletos de bordéis, garrafas de plástico, mas não achou nada comestível — nem mesmo um salgadinho orbitado por varejeiras. Conforme o desespero crescia, os dedos

aumentavam a velocidade, dando-lhe o aspecto de um animal que desenter-rava ossos.

Sentiu um beliscão embaixo da unha — um pedaço de vidro cravara-se no sabugo. Puxou o caco e praguejou; a raiva veio em uma onda febril e ele chutou a lixeira com tanta força que quase quebrou os dedos.

E chorou.

Chorou por causa dos altruístas da Zona Sul, que preferiam alimentar cães de rua em vez de lhe oferecer um prato de comida. Chorou ao perceber que não era mais uma *pessoa*, mas uma mão estendida a sentir o toque frio das moedas. Chorou porque a última vez que abraçou a filha, ela estava gelada na mesa do Instituto Médico Legal.

Permitiu que os soluços o estremecessem por alguns minutos, depois recuperou o orgulho e limpou uma pérola verde no nariz. Esfregou os olhos, desembacando a paisagem; a noite sussurrava no lixo arrastado pelo vento e nos gemidos de frio dos indigentes aninhados na calçada. Um bar na esquina tocava sucessos dos anos 1970.

Fugindo das agulhadas da chuva, César voltou à marquise que chamava de lar. Encostou-se ao lado da caixa de geladeira onde dormia e mamou a cachaça roubada em uma encruzilhada. A bebida descongelou a circulação nos pés descalços.

Cada gole trazia recordações que mesmo um coma alcoólico não apagaria.

Lembrou-se de quando viu a foto da filha na delegacia. Ela foi encontrada inchada, boiando no rio Guandu, com sinais de violação. Ignorando doze anos de casamento, a ex-esposa o acusou pelo estupro e assassinato da menina, embora a Justiça não tivesse encontrado provas que o incriminassem. Precisou sair escoltado pela polícia até a delegacia antes que fosse linchado por vizinhos. Pessoas que costumavam frequentar os churrascos em seu quintal estavam dispostas a matá-lo sem presunção de inocência.

Ao sair da cadeia e chegar às ruas da cidade, César descobriu que o Cristo Redentor não estendia os braços a ex-condenados. Sem conseguir emprego, precisou viver de furtos até arrumar uma vaga no tráfico. Em pouco tempo, começou a cheirar mais do que ganhava. O dono da boca de fumo o expulsou da favela com um porrete. Estaria morto se não fosse os apelos de uma vizinha pentecostal; ela implorou ao sangue de Jesus para que não o matassem.

Quando alguém faz dívidas com o Comando, o nome fica sujo — de sangue.

Ocultando as cicatrizes das surras, a barba lhe dava a aparência de um profeta apocalíptico. Todos os dias, imaginava o instante em que se atiraria na frente de um carro, mas o pavor de sobreviver e enfrentar a vida aleijado...

Um vento frio invadiu a caixa de geladeira e arrepiou sua nuca.

Os ouvidos estalaram em uma súbita mudança de pressão, como se estivesse subindo a serra. Interrompeu o gargalo a caminho da boca. Prestou atenção.

Ouviu um matraquear, como ossos sendo triturados na boca de um zumbi.

— *Má qui* merda é essa? — falou sozinho. — Quem tá aí?

A resposta foi um ruído de dentes mastigando cartilagem.

Desconfiado da própria embriaguez, se levantou. Afastou o saco de lixo usado como cortina na entrada do abrigo, cerrou os olhos e tentou adaptá-los à tênue luz do poste espalhada no interior da caixa.

Havia uma *coisa* entre os jornais que serviam de cama, algo que o fez estremecer e duvidar da própria sanidade.

Era uma coluna vertebral humana.

Ela arqueava os anéis para cima e para baixo, como uma grande lagarta albina.

O medo acertou César na boca do estômago e o jogou na calçada.

Em grande velocidade, filamentos brotaram daquela espinha e começaram a recriar um esqueleto. O crepitar das calcificações misturou-se ao borbulhar da medula que preenchia os ossos. Nervos, veias e artérias se alastraram feito trepadeiras, enquanto na caixa torácica, órgãos inflaram para bombear sangue e enzimas — tudo nascido a olho nu —, revelando que a natureza gestava uma abominação dentro de um útero invisível.

César se arrastava no pavimento, sem tirar os olhos do fantasma que se arrastava para fora do papelão.

A protoforma engatinhava com braços gelatinosos. Fibras musculares revestiam a aberração que cintilava o rubor de um sistema vascular. No tórax, elevações de gordura se transformaram em seios.

César sentiu horror e asco ao ver o calor das vísceras fumegando no relento. Havia cheiro ácido de bile, placas de tecido adiposo que escorriam sobre os músculos. O crânio cobriu-se de carne viva, desenhando um rosto tão detalhado quanto uma gravura em um livro de anatomia.

Encarando César com o rosto sem pele, a coisa sussurrou:

— *Con...se...guimos...*

A voz torturada não ecoou como o lamento de um espírito; parecia tão real quanto as canções no bar da esquina.

Em pânico, César correu em direção à rotatória na praça do batalhão. Atravessou a avenida sem olhar para o trânsito.

A última coisa que sentiu foi o para-choque de um carro morder suas costelas.

O ganir de borracha contra o asfalto anunciou a fuga do motorista.

Uma jiboia de intestinos saía de César e pulsava no ritmo de um coração que só conhecia mágoa. A trezentos metros, no instante em que a morte veio buscar

César, a mulher na caixa renasceu como uma fênix de carne, ossos e pele morena.  
Ela saiu do útero invisível, mas não estava sozinha.

Uma morte, duas vidas. Uma troca justa.

Afinal, a mulher estava grávida.

---

TERÇA-FEIRA

---



---

# I

Além das iniciais no nome, Judas Cipriano compartilhava a santidade com Jesus Cristo. O nazareno era filho de Deus e repudiava o comércio da fé; o outro prostituía milagres ao Vaticano e fazia questão de ser um filho da puta.

Os sermões sobre pecado e inferno jamais lhe perturbaram o sono. Desde criança, Cipriano convivia com os demônios de carne e osso que inspiravam pesadelos. Nas fábulas do mundo real, sabia que João e Maria terminariam cozidos nas próprias vísceras, Voldemort esfolaria o bebê Potter em um ritual taumatúrgico, e lobisomens — indiferentes ao chapéu vermelho da vítima — urinariam na presa para marcar território antes de estripá-la.

Mas, apesar de ter sido criado por pais que fariam qualquer monstro parecer inofensivo, Cipriano suava frio aquela noite.

E, pela terceira vez, o pânico o levou à privada do boteco.

Deveria viver momentos de paz naquela posição: calças arriadas, olhos nos garranchos da porta, cérebro e intestinos trabalhando para atingir o nirvana... No entanto, intoxicar-se com o metano das tripas não conseguia acalmá-lo dessa vez; estava ciente da multidão lá fora. Enfrentá-la seria mais terrível que exorcizar o próprio Satã.

Uma ironia e tanto para quem estava prestes a desafiar os poderes abissais.

Deixou o vaso em quarentena e lavou-se na pia, tentando reativar a circulação no rosto. Nos fundos do espelho, caricaturas de comediantes sorriam na parede.

Cipriano tirou do bolso uma garrafinha transparente — uma dose de cachaça que usava como chaveiro —, curvou a corrente e bateu as chaves três vezes no vidro.

Boiando no licor rubro, uma criatura embrionária, tão vermelha quanto uma hemorragia, ameaçou abrir as pálpebras. Dois chifres retráteis saíram da testa.

— Acorda, Capenga! — Cipriano deu outra batida no vidro. — Hora de trabalhar.

A aguardente de sangue agitou-se quando o cramunhão abriu quatro olhos incandescentes. Parecia um feto gestado em um útero demoníaco.

— Lá vem o desavexado acordando esse amaldiçoado — disse o diabrete em uma voz esganiçada. — Se quiser que eu encontre magia, vai ter que beber a cachaça da taumaturgia. — O corpo atrofiado culminava em um rosto hediondamente humano.

— Tenta outra, Capenga. — Cipriano deu uma risada irônica; sabia muito bem as consequências de beber daquele líquido. — Temos trabalho. Quero que fique quieto, boca fechada. Se comporte e vai voltar a dormir quando tudo acabar.

— Égua! — protestou Capenga. — Eu tava mangando de tu, vice?

— Eu falei pra ficar quieto!

— Tá bom, homi. Só trabalho, sem pitaco. — Capenga segurou uma das agulhas que nascia na ponta de seus dedos, desencaixou a unha de metal e puxou. De uma câmara no sabugo veio uma linha que se esticava como um fio dental.

O cramunhão costurou os lábios para cumprir a ordem de seu mestre.

— Isso aí, garoto — Cipriano assentiu, satisfeito, e devolveu a garrafa ao bolso. Em seguida, pegou o celular para conferir o aplicativo da Sociedade de São Tomé.

Visualizou duas fotos no arquivo. A mais antiga mostrava um jovem gordo, desleixado, feliz com a aparência de cama desarrumada. A outra trazia um filhote da classe média que compensava a deficiência de testosterona com maquiagem, sobretudo de couro e uma cara de mau pouco convincente. A palidez de quem se bronzeava em lâmpadas de escritório denunciava o nerd escondido sob a aparência trevosa. Como se não bastasse, o garoto trazia no braço um daqueles livros genéricos sobre satanismo.

Apesar dos setenta quilos a menos e o demônio extra na alma, eram a mesma pessoa.

— Da próxima vez, fique só nos RPGs de vampiro, moleque — Cipriano murmurou ao encarar a fotografia.

O pirralho, filho de um político que distribuía doações à Igreja, se envolveu com bruxaria, dessas que se encontrava em fascículos na banca de jornal. Seus novos amigos invocavam Lúcifer em festinhas de cemitério para impressionar meninas tão espertas quanto paquidermes.

Só que dessa vez se meteram com algo real.

No meio de tantas baboseiras esotéricas, encontraram uma conjuração babilônica, material de um antigo culto a Astarth, demônio do primeiro círculo, Senhor da Vaidade.

Cipriano não fazia ideia de como o texto foi parar naquela publicação, mas não fazia diferença — a merda estava feita e ele precisava dar a descarga.

Respirou fundo, colocou os óculos de sol e saiu para o corredor de serviço.

Os cabos de som deslizavam pelas paredes e convergiam para as cortinas no final dos bastidores. Uma névoa de carne acebolada saía da cozinha, trazendo o chiado das frigideiras e os gritos de Aracaju — um cozinheiro cabra-arretado, que usava a peixeira para cortar frango e ameaçar clientes caloteiros.

No final do corredor, o homem que anunciava os artistas interceptou Cipriano a caminho do palco. O apresentador seria quase uma réplica de Sérgio Mallandro, não fosse pela cabeça calva, tão brilhante quanto os olhos de um viciado em pornografia.

— Vai lá, parceiro! — O careca lhe entregou um refrigerante. — Tamo junto! — Ele fez uma mesura canastrona que combinava com o terno laranja, cujo tom berrante faria um oftalmologista desistir da profissão.

Cipriano assentiu e hesitou por um instante; o som de risadas indicava casa cheia. Fazendo o sinal da cruz, ajeitou o microfone na camiseta e atravessou as cortinas.

— Eu parei de acreditar em Deus assim que minha máquina de lavar quebrou — disse Cipriano à plateia, assim que pisou no palco. — Se você é dona de casa, sabe que cueca de homem é motivo pra divórcio! — Um grupo de trintonas em uma mesa riu. — Agora vejam se não tô certo: se Deus é onisciente, por que achou que colocar pentelhos na bunda de Adão seria uma boa ideia? — Ele bebeu um gole de refrigerante e apontou para um senhor que sofria convulsões na pança. — Deus podia ter incluído um dispositivo autolimpante, não é, amigo? Tenho certeza de que na hora de lavar suas cuecas, a patroa não ia precisar fazer testes de Rorschach!

Houve um silêncio constrangedor. Na imobilidade do salão, fantasmas de nicotina pairavam à meia-luz, refletindo o neon verde que emoldurava a cristaleira atrás do balcão. Os garçons — um exército de jeans e camiseta preta — deslizavam entre mesas de ferro, carregando tábuas de filé e cerveja artesanal.

*Tá, eu sei, essa foi ruim, pensou. Multidão eclética, difícil de agradar.*

Somente a Lapa reuniria um público tão dissonante em uma noite de terça-feira: góticas tão enfeitadas quanto árvores de Natal, hipsters hipnotizados pelos celulares, quarentões metidos a pegadores de balada, progressistas de coque samurai, marombeiros esculpidos por açaí e esteroides, executivos na andropausa que jogavam seu charme de galã de elevador para as secretárias...

— Muita gente com quem converso não acredita na teoria da evolução e rejeita nosso parentesco com os primatas. — Cipriano colocou uma das mãos no bolso do jeans surrado. — O estranho é elas acharem que faz mais sentido vir de uma estátua de barro!

Dessa vez, foram risadas hesitantes. Havia acertado alguns nervos criacionistas. *Acho que é melhor bater em um Deus sem fiéis.*

— Antes do surgimento da ciência, a galera ouvia um trovão no céu e pensava na maior tranquilidade: “Não fica bolado, isso aí é Thor peidando o carneiro que sacrifiquei sexta-feira passada”.

Um garoto com camiseta de super-herói borrifou cerveja no copo.

Olhando sobre os óculos espelhados, Cipriano procurou ameaças no público. A cicatriz que dividia o lábio superior era um lembrete de sua mãe sobre o fanatismo religioso. Embora não fosse covarde, algum fundamentalista poderia lhe arremessar uma garrafa, encorajado por seu porte atlético de frequentador de pastelaria.

Cipriano não possuía nada de especial: um metro e oitenta distribuídos em uma musculatura de pedreiro em fim de carreira. Barriga de girino, gestada com caldo de cana e pastel. A tez cor de argila, típica do carioca que não conseguia fugir do sol. Mantinha os cabelos grisalhos em um corte que imitava um astro de rock amadurecido. E, claro, as inseparáveis luvas de couro preto: um artifício para evitar a curiosidade que suas mãos despertavam.

— Vamos lá, gente! Jogar homossexuais no inferno é meio cruel, não acham? — Ele colocou a mão no ouvido como se esperasse resposta do público LGBT. — Deus queimou Sodoma e Gomorra só porque o povo de lá era meio assanhadinho. — Cipriano coçou a barba cerrada. — Mas incesto? Ora, incesto pode! Vocês se lembram de Ló? O cara que viu a esposa virar estátua de sal? O sujeito foi salvo pelo Senhor, bebeu umas cachaças e depois sapecou as próprias filhas!

Encostadas no bar, bebendo shots de vodka, quatro travestis ovacionaram. Três tão lindas quanto modelos, enquanto a última lembrava vagamente o Pedro de Lara.

Cipriano deu outro passeio no palanque, pensando se alguém entrara no bar a fim de assisti-lo, ou se tinham sido atraídos pela variedade de cervejas.

Estava prestes a desistir da busca quando localizou o alvo.

Jogando sinuca nos fundos do salão, o menino da foto.

O mesmo casaco preto, cabelo comprido e seboso. As roupas largas indicavam uma magreza doentia; o esqueleto criava ângulos nos ombros, a calça Saruel afivelava uma cintura de criança.

— Uma das coisas engraçadas no catolicismo é a quantidade de santos. — Cipriano sorriu, mirando o garoto. — Praticamente um para cada dia do ano. Santo Antônio de Categeró, Nossa Senhora da Cabeça. — Ele começou a descer a escada do palco. — Aí, você aí, amigo! — Apontou para o rapaz. — Sabe que porra é um Categeró?

O menino continuou de costas, mas parou de jogar sinuca. Colocou o taco encostado, pegou um copo de refrigerante e despejou três sachês de açúcar.

— Sabiam que no satanismo também existem padroeiros? — Cipriano colocou a mão no bolso; o amuleto escondido na calça vibrou quando se aproximou do menino. — Asmodeus, Senhor da Luxúria; Belzebu, Mestre da Gula; Astarth, o Carnesão...

Ao ouvir o último nome, o garoto empertigou-se, então pegou o copo de refrigerante e bebeu o melado em um gole só, como alguém tomando uma pinga antes de brigar em um saloon de faroeste.

Cipriano retirou o celular do bolso e começou a ler as informações do aplicativo em voz alta:

— Astarth, Senhor da Vaidade, vulgo Carnesão ou cirurgião de almas. Aqui diz que gosta muito de doces. — Ele olhou o copo de refrigerante vazio na borda da mesa de sinuca. — Adora jogos e enigmas... hum, sintomas de possessão: anorexia sem causas orgânicas identificáveis, obsessão por cirurgias plásticas, bulimia e blá-blá-blá...

As luzes no bar começaram a diminuir.

— O que faria um demônio da vaidade no apocalipse? — Cipriano provocou, enquanto memorizava a disposição das bolas na mesa de bilhar. — Invocaria um exército de modelos bulímicas para vomitar nos arcanjos?

A plateia parou de rir.

As vozes do salão diminuíram até cair na quietude. Foi um silêncio súbito, que trazia a morbidez da noite que antecedeu a criação.

Ao redor, o público ficou tão estático quanto uma pintura. A fumaça de cigarro interrompeu a fluidez em nível molecular. Uma garrafa derramava cerveja em um copo que jamais se encheu.

— Cronocinese? — Cipriano questionou a suspensão do tempo. — Você é tão previsível, Astarth. Seu patrão costuma ser mais discreto.

Em resposta, o Carnesão contestou a anatomia do hospedeiro; mãos deslizavam sob a pele e operavam em uma cirurgia que dava novos contornos à face do menino.

— Sua mãe mandou lembranças, Cipriano — disse o rapaz, a voz tão gutural quanto um disco de vinil em rotação lenta. — Todas as manhãs nós arrancamos a pele dela e costuramos à noite, para começar tudo de novo. — Com a cartilagem estalando, o demônio reconfigurou o rosto do garoto; por entre mechas de cabelo ensebado, Cipriano reconheceu as feições da mulher que o colocou no mundo. — Ela grita como uma porca — completou Astarth em uma gargalhada.

— Esse caô não vai colar comigo. — Cipriano tentou acender um cigarro, mas as mãos tremeram. — Minha mãe jamais usaria essas porras de calça Sa-ruel. — Ele puxou uma cadeira e sentou-se, procurando não pensar nas terríveis memórias da infância.

O garoto abriu as pálpebras, revelando quatro íris — duas em cada globo ocular. Se os olhos eram janelas da alma, aquele corpo estava sendo habitado por uma dupla.

— Eu deveria ter te amamentado — disse Astarth em uma réplica perfeita da voz de Salomé Cipriano. O demônio abriu o casaco e, apesar da magreza anoréxica, mostrou mamas flácidas. Além da ginecomastia causada pela dieta, dobras de pele cascadeavam no estômago. — Quer mamar? — Astarth sorriu de maneira lasciva. — Vem pra mamãe, vem! — Os mamilos pingavam leite.

Ainda se esquivando das lembranças que a mãe evocava, Cipriano desviou o olhar para uma das colunas espelhadas no salão. Sem querer, notou o reflexo do obsessor dentro do menino e fez um acréscimo ao seu catálogo de visões nefastas.

Astarth, o *verdadeiro* Astarth, tinha a robustez definida pelo esforço de martelar ossos, cortar cartilagens e remendar nervos. O avental de açougueiro e a máscara hospitalar feitos de pele humana cobriam o corpo tomado por queloides, cicatrizes e suturas infeccionadas. Nos braços musculosos brotavam membros atrofiados; galhos que se ramificavam em uma árvore de carne. Esses apêndices culminavam em mãozinhas de bebê, que seguravam ferramentas para cirurgia plástica cobertas por tufo de cabelo e gordura de lipoaspirações.

— Olha — disse Cipriano, que passava giz no taco, imaginando os experimentos estéticos que transformaram Astarth naquele mapa de cicatrizes —, normalmente não estou nem aí para as pessoas que você possui. Pro seu azar, o moleque em que você encostou é filho de um bacana. Você pode abandonar ele ou podemos fazer toda aquela cena de xingamentos em aramaico. E aí, o que vai ser? — Testou a tacada, fingindo que acertaria uma bola.

— Vejo muitas deformidades na sua alma — disse Astarth. — Posso extirpar o medo de você, Cipriano. Colocar um enxerto de ego ou um implante de autoconfiança. — O demônio sorriu. — Tem pólipos de loucura na sua mente. Acho que é hereditário, não é?

— Você sabe que se me tocar vai causar uma segunda guerra celestial. Não pode possuir um santo, mesmo um pau no cu como eu.

Astarth sabia que Cipriano tinha razão. Nem mesmo deuses de outros panteões tinham permissão para tocar nos intercessores e avatares dos rivais. A política no plano espiritual era tão complexa quanto na Terra.

— A menos que eu te dê autorização, claro. — Cipriano olhou o jogo de sinuca. — Que tal uma aposta? — Ele indicou uma esfera vermelha na beira da caçapa. Atrás, encostada nela, havia uma preta. A bola branca encontrava-se no meio da mesa. — Se eu encaçapar a bola preta sem tirar a vermelha da boca, você deixa o garoto e volta pro inferno — desafiou Cipriano. — Se eu perder, leva minha alma. Já é?

— Você está armando... — Astarth semicerrou os olhos. — Não vai usar magia?

— Não. — Cipriano cruzou os dedos na frente do demônio. — Palavra de honra.

— Nenhum tipo de poder? — Astarth não conseguia conter a ansiedade. Esfregava as mãos. Um demônio que conquistasse a alma de um santo seria promovido por Lúcifer em carne e osso.

— Não vou usar a Trapaça, se é isso que você quer saber.

— Fechado. — Astarth desnudou os dentes podres.

Cipriano pegou o bastão de sinuca, passou giz e simulou a tacada na bola branca. Astarth rodeava a mesa na tentativa de inspecionar algum truque.

O taco ia e voltava... ia e voltava... ia e voltava.

— Bola preta sem tirar a vermelha da boca, lembra! — Cipriano reforçou.

O comediante foi até o outro lado do feltro verde, pegou a bola vermelha, colocou nos lábios e cerrou os dentes na esfera, como um cachorro brincando com o dono.

— MAS QUE MERDA É ESSA? — Astarth vociferou.

Cipriano reposicionou o taco, bateu na bola branca e encaçapou a preta. Então cuspiu a esfera vermelha na mesa e disse, sorrindo:

— Bola preta sem tirar a vermelha da boca. Sem magia, sem usar a Trapaça.

Com um grito que fez a cristaleira no balcão vibrar, o Carnesão avançou para Cipriano, mas, quando tentou atacar, descobriu que não conseguia.

Seus membros tinham sido amarrados por uma força invisível.

Amarrados pelo pacto.

— “Ao negociar a alma de um humano, o contrato precisa ser cumprido à risca” — citou Cipriano.

— Mas isso é trapaça! — Astarth teve as juntas dos cotovelos arqueadas para trás.

— Eu disse que não ia usar a Trapaça, não falei nada quanto a *outros* tipos de trapaça. Não usei nenhum poder canônico, portanto nossa barganha continua válida. Mete o pé e deixa o garoto em paz.

O piso de madeira se desfolhou e uma luz alaranjada saiu dos frisos.

— Não, *não!* — gritou Astarth. — *Seu filho da puta!*

O grito de Astarth foi sobrepujado quando o chão se abriu, deixando escapar milhões de vozes; gritos dos mais variados idiomas, que imploravam perdão e alívio das torturas eternas.

— Tchau! — Cipriano acenou para Astarth. — Mande um beijo a Lúcifer por mim.

— *Eu vou desfigurar sua alma, Cipriano!* — O rosto do garoto desfez as torções. — *Vou mandar te estuprar mil vezes ao lado da sua mãe!* — Os dentes do menino começaram a clarear.

— Olha — Cipriano sorriu —, conhecendo a doida da minha mamãe, acho que ela tá de cintaralho enrabando todo mundo no inferno.

Um vácuo quente começou a soprar da abertura dimensional, até que a essência invisível do demônio foi sugada, deixando o eco de um grito para trás.

— *Nãããoo...*

O pavimento cicatrizou. O único vestígio de que ali houvera um portal eram as tábuas chamuscadas e um leve odor de enxofre.

O movimento na casa retornou subitamente. Risadas, talheres batendo em cerâmica — o mundo saiu da prisão, comemorando a liberdade com o falatório de uma multidão alheia ao sobrenatural.

— Que lugar é esse? — perguntou o rapaz, livre da possessão. — Onde eu tô? Cipriano pegou o rosto choroso do menino nas mãos.

— Você andou envolvido com drogas pesadas. — Ele colocou cinquenta reais no bolso do nerd. — Toma: pega um táxi, volta pra casa e aceita Jesus... Ou só fuma um baseado, sei lá. — Cipriano arriou os óculos de John Lennon e encarou o menino. — Para de andar com aqueles pela-sacos. Esquece essa porra de satanismo e continua só no RPG, beleza?

O menino assentiu, meio desorientado. Evitando os olhares do público, o antigo hospedeiro de Astarth retirou-se para o anonimato.

Cipriano voltou ao palco e retomou as piadas como se nada tivesse acontecido.

A apresentação durou quarenta minutos e terminou em aplausos piedosos. Ele agradeceu e foi comer. Esperava o pagamento nos fundos do bar, lambuzando-se em uma bandeja de frango a passarinho, quando foi interrompido.

— Comédia stand-up? — perguntou um homem com sotaque espanhol. — Quando sugeri que você se infiltrasse no bar, pensei em algo mais discreto.

Cipriano ergueu os olhos para o velho conhecido. Um moreno alto, que seguira uma maleta, vestido com terno e gravata pretos. A barba e os cabelos longos lhe davam um ar quase transcendental, traído somente pelos olhos: cabeças de prego cinzentas que poderiam atravessar a carne e paralisar os nervos até do mais estoico messias.

Com um sorrisinho jocoso, Cipriano limpou as luvas e o cumprimentou.

— Pode me chamar de cético, mas acho muita coincidência você aparecer na mesma noite em que liberto o filho de um político. — Cipriano mordeu um frango.

Sondando o ambiente, o espanhol murmurou:

— Digamos que uma revista com um ritual para Astarth foi enviada *acidentalmente* àquele menino.



— Arriscou a alma de um inocente só pra conseguir um favor?

— O Vaticano está precisando de uma ajuda do pai dele, mas eu gostaria de falar sobre isso em um lugar mais reservado.

— Vamos lá pra casa. — Cipriano levantou-se da cadeira. — É aqui pertinho.

O espanhol assentiu e eles saíram na tempestade. Relâmpagos folheavam os prédios em prata derretida, enquanto as ruas sangravam pelos bueiros. Sob o guarda-chuva, o espanhol transpirava a autoconfiança de quem usava o porte para intimidar. Pivetes o evitavam instintivamente, reconhecendo um predador, não uma presa.

Cipriano achou que os marginais *sentiam* que seu amigo não era um gringo qualquer, pois estavam diante de ninguém menos que Tomás de Torquemada.

Um homem que deveria estar morto desde a Inquisição Espanhola.

---

## 2

Há sete anos, um poltergeist assombrava o lar de Júlia Abdemi. Os vizinhos jamais desconfiariam do fenômeno em uma rua tão calma do Méier; a casa não parecia assombrada — nenhuma gárgula vigiava as telhas de cerâmica, nem teias cresciam nas janelas coloniais pintadas de branco. Era um imóvel de cor azul-bebê, pé-direito alto, sombreado pela goiabeira que se erguia no canteiro. Se casas fossem pessoas, aquela seria a vovó simpática que distribuía doces no dia de Cosme e Damião.

Contudo, sempre que chegava da rua, após um dia encarando monitores na delegacia, Júlia encontrava sinais do espírito brincalhão: copos fora de lugar, pegadas de lama na varanda, papel higiênico entupindo o vaso, um estojo de maquiagem aberto. Às vezes, tarde da noite, sentia a vibração no assoalho quando o fantasma se movia furtivamente até a sala para assistir à Netflix.

O poltergeist tinha vários esconderijos, mas ficava parte do tempo no quintal, entre os anões de jardim de uma coleção de *Star Wars*; Júlia detestava Branca de Neve e preferia uma réplica do Chewbacca tomando conta das hortalças. Parada na calçada, segurando as chaves, ela abriu o portão e flagrou o poltergeist em ato criminoso: a terra preta da horta tinha sido convertida em uma pista de enduro para carrinhos Hot Wheels. O fantasminha de pele café a encarava de olhos esbugalhados, pá de plástico na mão, pijama do Pokémon manchado de lama.

— *Mariana!* — Júlia gritou à filha. — Você destruiu meu pé de alface!

— Fui eu não! — a pirralha respondeu, meio esbaforida, arremessando a arma do crime com a discrição de uma catapulta. — Já tava assim quando vim da escola. — A pá de plástico bateu no muro chapiscado com um ruidoso *poc*.

— Ah é? — Júlia encarou a pá no chão e sorriu no limite entre a raiva e a vontade de gargalhar. — Então foi quem? A dona Antônia?